

## **A memória dos triângulos rosa: relato de construção de uma aula-oficina**

*The memory of the pink triangles: a report of the construction of a workshop-lesson*

*La memoria de los triángulos rosa: informe de creación de una clase taller*

Raphael Vinicius de Almeida Escritório<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto traz como objetivo relatar o processo de construção de uma Aula-Oficina em História. No presente relato apresentamos o processo e os motivos de seleção do tema, a organização do material, escolha das fontes utilizadas, a construção de atividades e questões que tinham por objetivo auxiliar no desenvolvimento do pensamento histórico. Para a criação da Aula-Oficina, utilizamos o conceito de memória como objetivo a ser desenvolvido pelos estudantes, o que levou à construção de atividades e questões que buscasse estabelecer tal diálogo. O texto ainda relata quais foram as principais dificuldades encontradas no processo de criação, assim como apresentamos os pontos que potencializam o material, como a oportunidade de se trabalhar o uso de fontes em sala de aula, a busca pelo desenvolvimento do pensamento histórico e oportunidade de trabalhar com um tema que, de maneira geral, recebe pouca atenção em materiais didáticos tradicionais.

**Palavras-chave:** Aula-Oficina; Memória; Pensamento Histórico; Triângulos Rosa.

**Abstract:** The text aims to report the process of constructing a History Workshop-Lesson. In this account, we present the process and reasons for selecting the topic, organizing the material, choosing the sources used, and constructing activities and questions aimed at aiding the development of historical thinking. In creating the Workshop-Lesson, we utilized the concept of memory as an objective to be developed by the students, which led to the construction of activities and questions that sought to establish such a dialogue. The text also reports the main difficulties encountered in the creation process, as well as presenting the aspects that enhance the material, such as the opportunity to work with the use of sources in the classroom, the pursuit of historical thinking development, and the chance to work with a topic that, in general, receives little attention in traditional teaching materials.

**Keywords:** Historical Thinking. Memory; Pink Triangles; Workshop-Lesson.

**Resumen:** El texto tiene como objetivo relatar el proceso de creación de una Clase-Taller en Historia. En este relato presentamos el proceso y las razones para seleccionar el tema, la organización del material, la elección de las fuentes utilizadas, la construcción de actividades y preguntas que tenían como objetivo ayudar en el desarrollo del pensamiento histórico. Para la creación de la Clase-Taller, utilizamos el concepto de memoria como objetivo a desarrollar por los estudiantes, lo cual llevó a la construcción de actividades y preguntas que buscaban establecer ese diálogo. El texto también relata cuáles fueron las principales dificultades encontradas en el proceso de creación, así como presenta los aspectos que potencian el material, como la oportunidad de trabajar el uso de fuentes en el aula, la búsqueda del desarrollo del pensamiento histórico y la oportunidad de trabajar con un tema que, en general, recibe poca atención en los materiales didáticos tradicionales.

---

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Universidade Federal de Catalão – UFCAT.

**Palabras Clave:** Clase-Taller; ; Memoria; Pensamiento Histórico; Triângulos Rosa.

## **Introdução**

O presente texto tem como objetivo principal relatar o processo de criação de uma Aula-Oficina e pensar, a partir disso, as dificuldades, limites e potências que tal atividade possui na contribuição da construção do Ensino de História. A proposta de construção de uma Aula-Oficina como meio de trabalhar temas históricos se deu a partir da proposta da disciplina de *Práticas de Ensino III – Laboratório de Práticas Educativas e Conteúdos Escolares*, ministrada no curso de licenciatura de História da Universidade Federal de Catalão. O objetivo de seu desenvolvimento era o de romper com os formatos clássicos de ensino como Aula-Expositiva ou Aula-Conferência.

A metodologia da Aula-Oficina vem se mostrando como uma importante ferramenta de ensino, fornecendo aos professores e professoras uma nova forma de trabalhar temas de modo transversais, dinâmicos e diversos, buscando explorar temas que poucas vezes aparecem nos materiais didáticos mais comuns como livros e apostilas, desse modo, a Aula-Oficina tem tido sua utilização ampliada de maneira considerável nos últimos anos e utilizadas de múltiplas formas, com o uso de diferente fontes e temáticas como mostra os trabalhos do Mestre em História e professor da educação básica Danilo Vasconcellos Ferreira e da doutoranda em Educação Lívian Lino Netto (2022) sobre o uso de música e sua relação com o ensino de História, do Mestre em Ensino de História e professor da educação básica Jeferson José Gevigier e a Doutora em Educação Márcia Elisa Teté Ramos (2022), que possui trabalhos na área da metodologia e da práticas de ensino, sobretudo no campo da história, apresentam o uso da Aula-Oficina para se pensar o conceito de democracia, o trabalho do Mestre em História Social Henrique Bresciani (2012), que possui trabalhos desenvolvidos no campo da educação histórica e da produção dramática no Brasil, utiliza como fonte a novela *Escrava Isaura* em sua Aula-Oficina e o trabalho do professor e Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento Evandro Cardoso do Nascimento (2022), que atualmente é professor de história da rede básica e que possui trabalhos no campo da história ambiental e do ensino de história, utiliza-se da Aula-Oficina para falar sobre a Pré-História e a História Ambiental.

Para o desenvolvimento da Aula-Oficina, nós nos baseamos na historiadora Isabel Barca (2004), que tem desenvolvido trabalhos na área de metodologia e ensino de história. Visando

estruturar quais seriam os objetivos a serem desenvolvidos e as etapas necessárias para alcançá-los, buscando construir um material que, possibilitasse aos estudantes, o encontro com os principais pontos presentes no pensamento histórico, tais como lidar com fontes históricas, conceitos e elaborar perguntas as fontes, assim como o desenvolvimento da Consciência Histórica que permita o estudante a orientação de estabelecer relações entre o passado e o presente de modo efetivo no seu cotidiano (Isabel BARCA, 2004; Jörn RÜSEN, 2001; Sam WINEBURG, 2019).

A partir disso escolhemos como temática a ser trabalhada o tema do Holocausto, e dentro de tal tema elencamos os Triângulos Rosa como assunto central a ser trabalhado. A temática dos Triângulos Rosa diz respeito aos homossexuais que foram perseguidos, presos e enviados aos campos de concentração durante o regime nazista, sendo utilizado para marcá-los um triângulo rosa.

A motivação de tal escolha se deve a dois principais motivos. O primeiro motivo foi o fato de que ao consultarmos a temática sobre o holocausto nos livros didáticos de história destinado ao 9º ano do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, nos deparamos com o fato de que muito pouco se fala sobre o Holocausto, sendo geralmente exposto ao se falar sobre o final da Segunda Guerra Mundial e sendo comumente apresentado em *box* informativos ou em poucas páginas.

O segundo ponto de motivação se deu ao observar, dentro desses materiais, a ausência sobre as outras vítimas perseguidas pelos nazistas. Esses sujeitos apareciam comumente de modo homogêneo sendo referido como “outras vítimas” ou sob a rápida menção de suas existências, sendo apresentados apenas em poucas linhas como ciganos, homossexuais, comunistas, socialistas, testemunhas de Jeová. Com isso, constatamos que havia uma grande ausência sobre o tema, e em particular sobre os homossexuais nos livros didáticos de história

A partir dessa observação, decidimos trabalhar na construção de uma Aula-Oficina que desse visibilidade<sup>2</sup> aos homossexuais, um grupo que fora excluído das memórias oficiais como monumentos, datas e celebrações das memórias das vítimas do Holocausto. O pesquisador Ken

---

<sup>2</sup> Entendemos neste texto que visibilidade é o ato de não somente tornar visível algo que antes se encontrava encoberto, esquecido ou invisibilizado, mas também em diálogo com Walter Benjamin (1993) e as leituras de Löwy (2005), entendemos a visibilidade como um ato político e histórico, onde encontramos a recusa de uma história que marche triunfante sobre os vencidos e que, nos possibilite, politicamente, agir contra os silenciamentos e esquecimentos que levam grupos marginais a continuarem em suas posições, dando-lhes capacidade de ação no presente.

SETTERINGTON (2017) e a historiadora Karen Pereira da SILVA (2019), apontam que, os homossexuais foram excluídos desses espaços dados ao fato de que ao fim da guerra, com a homossexualidade ainda criminalizada em vários países europeus, os homossexuais tiveram que lidar com o perigo de retornarem as prisões, assim como tiveram que construir o seu lugar como vítima dos nazistas, lugar esse negado ao fim da guerra.

Quando falamos em memórias oficiais, nos referimos aos atos realizados sobretudo pelo Estado, que através de alguns meios, busca diferentes finalidades com as rememorações e recordações. A memória oficial sobre o holocausto inclui monumentos, museus e eventos oficiais, entrando, SILVA (2019, p. 82) aponta que houve durante o processo de construção da memória sobre o holocausto a ocorrência de uma disputa pela memória, o que levou a construção de uma memória centrada nas vítimas judias do holocausto.

A partir deste cenário elencamos um conceito a ser trabalhado na Aula-Oficina, sendo escolhido para isso o conceito de memória. Como bases para pensar o conceito de memória e o seu diálogo com o holocausto e os Triângulos Rosa, recorremos ao historiador e sociólogo Michael POLLAK (1992), que desenvolveu trabalhos com depoimentos de sobreviventes do holocausto e suas condições de vida nos campos de concentração. Pollak caracteriza a memória como sendo seletiva, construída, disputada e constituinte da identidade. Em concordância com esses apontamentos, visualizamos a possibilidade de que, a partir deles poderíamos trabalhar as principais questões em torno dos Triângulos Rosa, possibilitando a construção de um diálogo onde os estudantes pudessem refletir sobre os motivos que levaram os homossexuais a serem perseguidos pelo nazismo assim como os motivos que estavam por de trás do seu apagamento e silenciamento.

Contudo, destaco que não foi o objetivo construir um material que se tornasse centrado ou rígido em torno de um único conceito, a memória está no material, mas de modo a permitir o diálogo com outros conceitos e questões que o material possa vir a suscitar.

Por fim realizamos a construção de uma sequência didática<sup>3</sup> com a apresentação das fontes, e propostas de atividades. O material construído gerou dois produtos, um primeiro material destinado aos professores e professoras, onde apresentamos o tema, o modo a ser trabalhada as questões presentes, uma proposta de avaliação e apontamentos de outros meios de

---

<sup>3</sup> Por sequência didática entendemos se tratar de um conjunto de procedimentos, que estão em diálogo entre si, com a finalidade de acompanhar o decorrer da Aula-Oficina, com o objetivo de promover um desenvolvimento coerente e a conclusão dos principais objetivos da Aula-Oficina.

utilizar o material e elencar novos usos e conceitos a serem trabalhados. O segundo material, destinado aos estudantes, contava com as atividades, a apresentação das fontes e as questões propostas.

## **A Aula-Oficina e a Aula de História**

No primeiro momento de construção da Aula-Oficina buscamos pensar como desenvolver um material que rompesse com modelos tidos como tradicionais e que mantivesse os objetivos da Aula-Oficina como o trabalho com fontes, com conceitos, a busca pelo desenvolvimento de um conhecimento multifacetado e a orientação temporal (BARCA, 2004). Ao iniciarmos a sua construção, utilizamos como base recomendações cedidas pela professora da disciplina, além de contarmos com encontros de orientação, onde buscávamos adequar e reparar problemas da construção.

O material final constituiu-se de três momentos diferentes. O primeiro se trata da realização do mapeamento das ideias prévias dos e das estudantes, que se divide em dois momentos. No primeiro momento constitui-se da apresentação de duas imagens, a saber, uma Estrela de Davi e um Triângulo Rosa, com o objetivo de saber se os estudantes já haviam tido contato, se podiam identificá-lo e em caso afirmativo, sobre quais contextos já tinham tido contato com eles. O segundo momento consistia em uma atividade, onde se propunha que os estudantes levassem para a sala de aula notícias, recortes de sites, vídeos, filmes e diversos outras matérias que abordasse a questão dos Triângulos Rosa, buscando com isso observar quais seriam as fontes que mais iriam aparecer, sobre quais suportes e condições, tornando-se um indicativo sobre a realidade dos estudantes e podendo dar informações sobre como trabalhar a temática de modo a estabelecer um diálogo com essas realidades.

Aqui, vejo a necessidade de se fazer duas ressalvas. A primeira diz respeito sobre a ideia de se trazer esses diversos materiais para a sala de aula sem um aparente critério de seleção das fontes. Considerando que a Aula-Oficina e seu desenvolvimento se dão de modo diferente de uma Aula-Exposição, onde a oficina se desenvolve muito mais a partir da participação e envolvimento dos estudantes na aula do que a atuação centralizada na ação das e dos professores e professoras (BARCA, 2004).

Posto isso, objetivamos que a partir das diversas fontes apresentadas pelos estudantes, pudesse abrir de um modo mais rápido a inserção do docente no universo dos estudantes,

considerando não somente a variedade de fontes e linguagens que poderiam ser ali trabalhadas, mas também, aproximando o tema da Aula-Oficina as linguagens que os estudantes mais consomem atualmente. Este ponto vai de encontro com a ideia apresentada por Barca (2004) de que o professor é também um investigador social que se insere de modo ativo, visando conhecer e modificar, a realidade social e intelectual dos estudantes.

Esta busca por esta aproximação do universo do discente, visava buscar tornar mais fácil a percepção sobre as existências de diversas fontes históricas e sobre como ocorrem mudança dos suportes que tratam do tem em questão. Marlene Cainelli (2006), ao falar da educação histórica, aponta que a percepção dessas mudanças, dos objetos e paralelamente das fontes históricas, auxilia na construção de sentidos sobre temporalidade e mudanças na sociedade:

Há uma construção de sentidos para as explicações sobre o tempo e as mudanças temporais são explicadas a partir da percepção das transformações nos objetos e nas estruturas sociais a partir das suas vivências atuais. Observando a televisão de plasma e comparando-a com a televisão de fusível, a criança pode começar a estabelecer as primeiras noções de movimento do tempo e de transformações. (CAINELLI, 2006, p. 70).

Ainda sobre esta primeira colocação, podemos considerar o problema que poderia surgir sobre as *Fake News*. Alguém poderia argumentar que, ao não se estabelecer critérios claros ou deixar tal atividade de coleta de fontes para os estudantes, poderiam surgir vídeos, notícias ou outros materiais que apresentassem falsos dados ou até mesmo negacionismos. Pensando sobre esta questão, pensamos que, caso isso venha a surgir como um material coleta pelos estudantes e apresentados em sala de aula, poderia configurar em uma grande oportunidade para o desenvolvimento e potencialização da Aula-Oficina, onde o docente poderia ter um farto material para a realização de um debate. Ressaltamos que, os estudantes e suas fontes coletadas, não estarão sozinhos no processo de trabalho com as fontes e nem mesmo a atividade teria um fim em si mesma, mas contariam com a atuação e presença do docente auxiliando no desenvolvimento das atividades e na sequência da atividade, tais fontes se colocariam para o debate e a análise, sendo questionadas e interrogadas pelo pensamento histórico, levando a debates sobre a validade do documento e seu conteúdo.

A segunda ressalva sobre esta atividade, reside no fato de que, devido a qualquer impossibilidade de se desenvolver esta coleta de material dentro ou fora da escola, seja por qual dificuldade for (falta de bibliotecas, ausência de acesso à internet ou ausência de aparelhos

como computadores ou celulares...), propomos que o docente utilize os próprios livros didáticos ou apostilas presentes nas salas de aulas, tornando-os fontes históricas passíveis de serem estudadas, onde busca-se questionar e analisar como tal tema é tratado no material ou os motivos de sua ausência, buscando levar a percepção de que o material didático é uma construção e que essa construção é formada por escolhas e seleções que transparecem motivos e interesses pelo seu conteúdo.

A utilização dos livros didáticos como fonte histórica, passível de ser estudada e analisada pelos historiadores, vem ganhando cada vez mais espaço entre as pesquisas, sobretudo nas áreas da História da Educação no Brasil e nas pesquisas sobre ensino, onde a partir de novas temáticas que passaram a ser pesquisadas, e com isso a eleição de novas fontes, o livro didático torna-se objeto para a pesquisa histórica, como aponta André Salles (2011, p. 7).

Pensando o livro didático, agora como fonte a ser examinada, Maria Schimidt e Marlene Cainelli (2004, p. 135-136) pontam que devemos considerá-lo necessariamente, dentro de seu contexto de produção, distribuição e consumo e não como um ente abstrato e neutro, o que nos auxilia no desenvolvimento do pensamento histórico.

Salles (2011), aponta que a análise dos livros didáticos, devem ser realizadas de modo mais aprofundado, buscando não somente com é apresentado de modo direto como os textos e imagens presentes nas páginas do livro, devemos ter no horizonte de análise a ideia de que o livro didático se constitui:

(...) não somente com o que está posto, o que está inscrito nas páginas do livro, mas também, e talvez sobretudo com as formas de recepção e as formas de leitura que dele se faz. Não só as diversas ideologias presentes nos conteúdos veiculados pelos livros são fontes de análise pelo pesquisador, mas também a própria forma de sua produção, circulação e recepção. Nesse contexto, não somente o autor e sua escrita passam a ser investigados, mas outros agentes que contribuíram para a produção do livro, como editores, ilustradores e até mesmo os próprios leitores. (SALLES, 2011, p. 7).

Após a realização do levantamento das ideias prévias e de um debate inicial sobre como o tema é tratado, passamos para o segundo momento, onde há uma apresentação das fontes escolhidas, visando aqui, aprofundar o debate sobre o pensamento histórico e o trabalho com fontes em sala de aula, sendo esta parte desenvolvida também em dois momentos.

No primeiro momento da atividade apresentamos como fontes históricas trechos de relatos de homossexuais sobreviventes, onde aparecem a indignação com a perseguição, o sofrimento que passavam como fome e como vítimas de experimentos médicos, que buscavam uma causa patológica da homossexualidade, assim como uma possível cura, o cotidiano de trabalho e de experiências nos campos de concentração e de trabalho forçado e os motivos que levaram eles, os sobreviventes, a contar sua história. Apresentamos também os discursos de autoridades nazistas sobre os homossexuais, onde falam dos perigos que estes representam para a Alemanha frente ao projeto de superioridade racial nazista, assim como a lei que criminalizava a homossexualidade na Alemanha.

Entre os relatos dos sobreviventes apresentados utilizamos o relato do francês Pierre Seel, disponível em seu livro autobiográfico *Eu, Pierre Seel, um deportado homossexual* (2012), os relatos do tcheco Rudolf Brazda, contados para Jean Schwab e contidos no livro *Triângulo rosa: um homossexual no campo de concentração nazista* (2011) e o do austríaco Josef Kohout, que narra sua trajetória no livro *Los Hombres del Triángulo Rosa: Memorias de un homosexual en los campos de concentración nazis* (2016). Neste livro, sem tradução para o português até o momento, foi o primeiro relato escrito por um sobrevivente homossexual. Contudo, é importante notar que quando Kohout decide narrar sua história nos anos 1970, o faz sobre um pseudônimo de Heinz Herger, como forma de evitar novas perseguições ou preconceitos.

Neste ponto, uma das dificuldades que nos deparamos foi o fato de que os relatos dos sobreviventes e os discursos nazistas estão, de maneira geral, em alemão, inglês ou espanhol, tendo pouco material traduzido para o português. É importante salientar também a existência de poucos estudos sobre os Triângulos Rosa e a sua quase total ausência em formato de material didático, sendo que no levantamento bibliográfico sobre o tema foi encontrado apenas um material de apoio ao professor desenvolvido pela editora Melhoramento junto ao livro *Marcados pelo Triângulo Rosa* de Ken Setterington, publicado pela mesma no ano de 2017.

Após a apresentação das fontes, elaboramos questões que tinham como objetivo levar não a respostas prontas, fechadas ou retiradas dos textos, mas que levassem ao debate, a realização de inferências aos documentos, ao cruzamento e ao questionamento das fontes, auxiliando no desenvolvimento do pensamento histórico e se tornando uma ferramenta de trabalho efetiva no ensino, levando em consideração os pontos apresentados por Rüsen:



A capacidade de julgar e argumentar é um objeto irrenunciável (além de altamente aceito) do ensino de história e esta não pode ser alcançada mediante uma mera exposição que não cede espaço aos alunos e alunas para desenvolver a sua capacidade argumentar, criticar e julgar. (RÜSEN, 2011, p. 117-118).

Entre as questões apresentadas, foram inseridas algumas que apontavam para o debate acerca do conceito de memória. As questões sobre a motivação dos sobreviventes em contar suas histórias, assim como a demora em contá-las, tinham como objetivo levantar questionamento sobre esses porquês, sobre as questões de se ter motivações para contar suas histórias. Além de buscarmos chamar a atenção para o fato de existir uma demora de testemunhar, de narrar o acontecido, de ter que lidar com o trauma, com o medo e com o preconceito, dificuldades estas que os sobreviventes tiveram que lhe dar para narrar suas experiências (Marcelo SPITZNER, 2014).

O segundo momento, consistia em apresentar novos documentos, que se caracterizavam por imagens dos monumentos construído em memória dos Triângulos Rosa, um cartaz do grupo *Act Up*<sup>4</sup> e jornais que noticiavam os ataques aos memoriais, as homenagens oficiais e a comemoração da descriminalização da homossexualidade em países que quando ocupados pela Alemanha Nazista passaram também a criminalizar as relações homossexuais (SILVA, 2019).

O uso das diversas fontes utilizadas no material da Aula-Oficina, buscavam unir dois pontos presentes nas questões do ensino de história. O primeiro ponto, a buscar por romper com a apresentação de imagens ou como mera ilustração do que se ensinava ou como método de comprovar como sendo real a fala do professor ou o texto do livro didático (RÜSEN, 2011; SCHMIDT e CAINELLI, 2004).

Em segundo lugar, tínhamos o intento de alcançar, com as fontes apresentadas, a motivação para que os estudantes pudessem interagir com elas. Como apontado por Schmidt e Cainelli (2004, p. 95), as fontes devem-se constituírem em um ponto de partida de partida do ensino de história, e não apenas um material com fim e si mesmo, mas levando a indagações que respondam a problemas apresentados nas aulas, no presente caso, o problema da memória em torno dos Triângulos Rosa.

---

4 O Grupo *Act Up*, surgiu nos Estados Unidos em 1987. É composto principalmente por pessoas vivendo com HIV. O objetivo do grupo consiste por meio da ação direta, realizar denúncias, reivindicações sobre a ação do Estado acerca de medicamentos e tratamentos, assim como a luta pelo fim da discriminação e preconceitos e a busca pela melhora da qualidade de vida das pessoas soropositivas.

Esta parte do material traz em sua formação dois principais objetivos, o primeiro de aprofundar os debates sobre a memória e o segundo de demonstrar como as questões dos Triângulos Rosa, sua simbologia e suas memórias se desenvolveram através do período pós-guerra até os dias de hoje, buscando demonstrar como o tema estabelece diálogo com questões do presente e da sociedade contemporânea.

Neste ponto contamos que tal exercício se desse com os auxílios das imagens, e que levasse a percepção de que a História não é algo estagnado ou que apenas vive em um passado distante. Buscamos demonstrar que o fato de uma imagem de um Triângulo Rosa em reaparecer um cartaz do *Act Up*, em outro momento histórico, e inserido no contexto da luta da comunidade LGBT contra o HIV/Aids, demonstra que o passado não está em um lugar abstrato ou estagnado, mas que este passado está atuando a todo o momento, de diversas formas e com diversos usos. O fato de o Triângulo se encontrar estampado não mais de cabeça para baixo, demonstra que a ressignificação e modificações dos símbolos do passado são dotados de intenção e se estabelecem em diálogo constante entre seu novo uso e seus significados de origem.

Nesta parte do material, as questões apresentadas, tinham como objetivo levar mais diretamente ao debate sobre a memória. Com perguntas sobre as homenagens, construções de memoriais e das notícias, buscávamos levar a percepção de como se deu o desenvolvimento da memória dos Triângulos Rosa e de sua legitimação como vítimas do holocausto, buscando demonstrar as disputas inseridas em torno da memória e da narrativa sobre ela (Tiago ELÍDIO, 2010; POLLAK, 1992; SILVA, 2019).

Tínhamos por objetivo aqui trabalhar também o conceito de vítima, onde buscávamos não apenas questionar a ausência dos Triângulos Rosa dos locais de memória oficiais como as homenagens governamentais ou a ausência de monumentos nos campos de concentração até meados dos anos 1980.

Tínhamos como horizonte, a busca de apresentar que o reconhecimento dos homossexuais como vítimas do nazismo se deu através de um processo histórico disputado que contou com ações dos sobreviventes e ativistas, que a partir dos anos 1970 vinham realizando pressões e movimentos, não só pelo reconhecimento de serem vítimas do holocausto, mas também um processo que buscava o reconhecimento da própria comunidade LGBT e dos movimentos de libertação homossexual em formação no ocidente da visão dos Triângulos Rosa

como agentes da história LGBT e vítimas de uma perseguição homofóbica (ELÍDIO, 2010; SETTERINGTON, 2017; SILVA, 2019).

Este objetivo também procurava estabelecer uma relação entre as perseguições nazistas e as ressonâncias que disso podiam ser sentidas anos depois da guerra. Com notícias sobre a descriminalização da homossexualidade em países que foram ocupados pela Alemanha durante o período da Segunda Guerra Mundial, indagávamos aos estudantes sobre os motivos de tais permanências e como elas afetavam a história e a vida dos sobreviventes.

Acerca do conceito de memória, consideramos dois principais pontos no desenvolvimento do material. O primeiro considera que, a Aula-Oficina em si, não consegue, de modo rápido e efetivo, desenvolver em um curtíssimo prazo, de aproximadamente quatro aulas, conseguir desenvolver um pleno domínio do pensamento histórico ou a operacionalização de conceitos complexos como o de memória. Entendendo as dinâmicas que constituem boa parte do sistema educacional brasileiro, como a organização e planejamentos de aulas e, sobretudo, as demandas apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entendemos que o trabalho sobre o conceito de memória não se dá de forma objetiva e direta, mas sim de forma gradual e diluída em múltiplos temas.

No trabalho com conceitos no ensino de história temos em sua constituição algumas características que devem se fazer presentes e serem consideradas para que o ensino obtenha êxito. Schimidt e Cainelli (2004, p. 61-63) apontam esses fatores como sendo eles, as ideias prévias dos estudantes, seus interesses, sua inserção social, os riscos e atenções em torno de anacronismo ou universalizações, a linguagem utilizada e o entendimento de que a sua construção é um processo cognitivo e articulado.

Por fim, o material conta com um terceiro e último momento que se constitui na sistematização e avaliação dos e das estudantes. Como proposta avaliativa apresentamos a opção de construção de um mapa mental, finalizando de modo a ser apresentado pelos estudantes a turma.

A escolha pela construção de um mapa mental se dá pela motivação de que sua construção seja possível partir de diferentes abordagens sobre o mesmo tema. A proposta consistia que os grupos formados desenvolvessem o mapa com base em escolhas a partir do tema estudado como os negacionismos em torno do holocausto, a perseguição homossexual pelos nazistas, o impacto dessas perseguições após o fim da Segunda Guerra e assim por diante.

Nosso aporte para pensar a avaliação se baseou nas considerações de Damaris Oliveira e Vitor Ferreira (2018) que apontam a avaliação como uma importante ferramenta de entendimento da própria prática docente, pois:

O professor aprende com o aluno que errou uma atividade ou que não alcançou a expectativa da aula, pois esse docente pode identificar as características e atitudes desse aluno que levaram ao erro, suas próprias atitudes ao desenvolver a aula, e transformar esse conjunto de informações em conhecimento. Para o professor o erro do aluno gera o conhecimento pedagógico. Essas ações preparam o professor para as próximas aulas e para os próximos alunos na mesma situação que o primeiro. Apenas registrar o erro e atribuir-lhe uma nota não melhora a prática docente. (OLIVEIRA e FERREIRA, 2018, p. 99).

Ou seja, a partir dos resultados alcançados, sejam eles positivos ou negativos, o professor ou professora passam a ter um entendimento e informações sobre a sua prática pedagógica, podendo neste caso, perceber o erro como um indicativo a ser analisado e tomá-lo como um ponto de orientação na busca de linguagens e prática de ensino e aprendizagem que obtenham êxito no processo.

Durante a criação do material para a Aula-Oficina observamos que algumas questões que se fizeram presente neste processo de construção. Observamos que tínhamos dificuldades em preparar os enunciados das atividades, assim como de acrescentar comentários sobre como desenvolver a atividade, uma vez que o material seria utilizado por estudantes e pelo docente. Para resolver tais questões, optamos por desenvolver dois materiais, um voltado para os estudantes e outro voltado para o docente.

O material dos estudantes constitui de um material de treze páginas, com uma construção que mescla as questões, os documentos e as imagens. Neste ponto, uma das dificuldades enfrentadas foi a ausência de conhecimentos de edição do material. A construção de caixas em torno dos documentos, o trabalho com cores e questões semelhantes se constituiu em uma dificuldade importante, pois havia uma preocupação com as questões de tornar o material atrativo visivelmente, contudo, sendo este um dos pontos de maior dificuldade acerca da construção do material.

Já o material do docente, se constitui de oito páginas. O material teve a preocupação de ao apresentar a forma de lidar com cada etapa da Aula-Oficina, utilizasse um tom de recomendação e não de imposição para o docente, considerando que o desenvolvimento e o sucesso da Aula-Oficina necessitam estar muito mais próximo da dinâmica própria de cada sala

de aula do que de propostas rígidas e uniformizantes, buscando manter a autonomia e este conhecimento que é próprio de cada docente acerca da realidade de cada sala de aula.

Um diferencial presente no material dos docentes foi a inserção de três tópicos, sendo o primeiro a *Visão Geral do Tema*, onde apresentamos o tema, sua justificativa e como a Aula-Oficina se conecta com a BNCC em aspectos como o tema, as competências e habilidades específicas a serem desenvolvidas. O segundo tópico sendo a *Gestão do Tempo*, onde consideramos uma aula com 40 minutos de duração, prevendo a necessidade de quatro aulas para a execução da Aula-Oficina e por fim, o terceiro tópico como as *Referências Bibliográficas*, inseridas ao final do material do professor, tópico não presente no material do estudante, pois buscávamos manter sua aparência mais distante possível de uma estética acadêmica.

## **Considerações Finais**

A construção de uma Aula-Oficina mostrou-se uma atividade complexa, que demandou tempo, pesquisa e preparação. Sua construção necessitou de ampla revisão bibliográfica, assim como a busca e seleção das fontes históricas a serem utilizadas na elaboração do material. A preparação de questões e atividades que buscasse oportunizar a operacionalização de ações do pensamento histórico também resultaram em amplo planejamento, uma vez que se busca realizar questões que levassem os e as estudantes a de fato trabalhar com os documentos históricos, que transformassem a aula de história de fato em um laboratório da História.

Diante de tal complexidade de construção e frente a realidade escolar brasileira, vejo como sendo extremamente importante que, os cursos de licenciatura do Ensino Superior, passem a dar mais atenção a produção de matérias sobre diversas formas e sobre temas pouco explorados nos materiais mais convencionais. Além da produção, é necessário que os futuros e professoras possam ter contato com a experiência de preparar um material didático, uma vez que as questões, problemas e finalidade postas por ele diferem das maiores das atividades desenvolvidas ao longo da graduação, seja em linguagem, forma ou finalidade. A experiência de produção não pode esperar a conclusão da graduação para ocorrer, é necessário que o professor ou professora já tenham experiência em tal área, visando potencializar suas futuras aulas e atividades. É necessário também que essas produções estejam publicadas e

disponíveis para o uso de professores e professoras de todo o país, de modo que permita se adaptar a cada aula e a cada realidade escolar.

Por fim, foi possível observar que o processo de criação de uma Aula-Oficina, potencializa a apreensão, não apenas do conteúdo, mas também proporciona caminho para o desenvolvimento de conceitos, assim como colabora para tornar a educação crítica e mostrar a História como uma disciplina que trata do presente e conversa com a sociedade atual a todo instante, auxiliando no rompimento da ideia de História como algo referente apenas ao passado distante.

## Referências

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade:** Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília (BNCC): MEC, 2017. Disponível em [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em 22 de abr. 2023.

BRESCIANI, Henrique. Novela em sala de aula: a utilização de “Escrava Isaura” em uma proposta de aula-oficina. **História & Ensino**, 18(esp), 2012, 31–53. Disponível em <https://doi.org/10.5433/2238-3018.2012v18nespp3>. Acesso em 10 abr. 2022.

CAINELLI, Marlene. Educação Histórica: perspectivas de aprendizagem da História no Ensino Fundamental. **Educar**, Curitiba, Especial, p. 57-72, 2006. Editora UFPR. Disponível em [educar\\_especial.pdf](educar_especial.pdf) ([usp.br](http://usp.br)). Acesso em 24 de abr. 2023.

ELÍDIO, Tiago. Nazismo e Homossexualidade: O testemunho de um dos esquecidos da História. Revista eletrônica **Literatura e Autoritarismo**. Dossiê “Escritas da Violência II”, pp. 193-211, junho de 2010. Disponível em [http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie03/art\\_18.php](http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie03/art_18.php). Acesso em 10 de abr. 2023.

FERREIRA, Danilo Vasconcelos; LINO NETTO, Livian. Música e História através de Aulas Oficina. **ReviVale**, Araçuaí, v. II, n. 2, jul. ago. 2022, p. 1-14. Disponível em <file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/99-Texto%20do%20Artigo-575-1-10-20220829.pdf>. Acesso em 10 abr. 2023.

GEVIGIER, Jeferson José; RAMOS, Márcia Elisa Teté. Aula-Oficina de História: ensinado a Democracia. In: SILVA, Adriana Maria Paulo da; SILVA, Lucas Victor; SILVA, Wesley Garcia Ribeiro (Orgs.). **Qual Ensino de História para a Educação Básica?** 1. Ed. Brasília: Rosivan Diagramação & Artes gráficas, 2022, p. 226-245. Disponível em [https://www.marciaalisateteramos.com/files/ugd/d8d064\\_e3df4f0d6e0847eaaa97a8fea9f048a8.pdf#page=226](https://www.marciaalisateteramos.com/files/ugd/d8d064_e3df4f0d6e0847eaaa97a8fea9f048a8.pdf#page=226). Acesso em 10 de abr. 2023.

HERGER, Heinz. **Los Hombres del Triángulo Rosa**: Memorias de un homosexual en los campos de concentración nazis. 1º ed. Editora Digital: Titivillus, 2016.

HOLGADO, Christina. HEGER, Heinz: Los hombres del triángulo rosa. Memorias de un homosexual en los campos de concentración. Traducción de Eduardo Knörr Argote. Madrid: Amaranto 2002. 164 pp. **Revista de Filología Alemana**, vol. 20, pp. 332-336, 2012. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321827600046>. Acesso em 13 de abr. 2023.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamim**: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

NASCIMENTO, Evandro Cardoso. O ensino de História Ambiental na educação básica: uma Aula-Oficina sobre a “Pré-História”. **Revista História Hoje**, v. 11, nº 22, 2022, p. 449-467. Disponível em <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/790/453>. Acesso em 10 abr. 2023.

OLIVEIRA, Damaris R; FERREIRA, Victor S. Inteligências múltiplas e o fracasso escolar. **Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 93-108, mar./set. 2018. Disponível em <https://docplayer.com.br/116532406-Revista-de-pos-graduacao-multidisciplinar.html>. Acesso em 24 de abr. 2023.

PLANT, Richard. **The Pink Triangle**: The nazi war against homosexuals. Nova York: A New Republic Book, Henry Holt and Company, 1986.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em <http://www.pggedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023.

RÜSEN, Jörn. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história - os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SALLES, André Mendes. O livro didático como objeto e fonte de pesquisa histórica e educacional. **Semina**, Revista Dos Pós-Graduandos Em História Da UPF, V. 10, N. 1, p. 1-16, 2011. Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/4387>. Acesso em 16 abr. 2023.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHWAB, Jean Luc; BRAZDA, Rudolf. **Triângulo Rosa**: um homossexual no campo de concentração nazista. São Paulo: Mescla, 2011.

SEEL, Pierre. **Eu, Pierre Seel, Deportado Homossexual**. 1º ed. Editora Cassará, 2012.

SETTERINGTON, Ken. **Marcados pelo Triângulo Rosa**. 1º ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2017.

SILVA, Karen Pereira da. Triângulos Rosa: A diversidade memorial dos prisioneiros homossexuais no Holocausto. **AEDOS**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 80-102, ago. 2019. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/92265>. Acesso em 06 de abr. 2023.



ESCRITÓRIO, Raphael V. de A.

A Memória dos Triângulos Rosa: :relato de construção de uma Aula-Oficina

SPITZNER, Marcelo. Entre a memória e o silêncio, o testemunho tardio de um deportado homossexual. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 52-60, 2014. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/21757917.2014v19n2p52/28173>.

Acesso em 15 de abr. 2023.

WINEBURG, Sam. Porque o pensamento histórico não é sobre História. **OPSIS**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 1–5, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufcat.edu.br/Opsis/article/view/60688>.

Acesso em 19 abr. 2023.

Artigo recebido em 23/06/2023

Artigo Aceito em 20/09/2023